**Referência**: GOMES, Christianne L. A contribuição da pesquisa para a formação profissional em lazer. In: Hélder Ferreira Isayama. (Org.). *Lazer em estudo: Currículo e formação profissional*. Campinas: Papirus, 2010. p. 87-102.

---

# A CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM LAZER

Christianne Luce Gomes[1]

O objetivo deste capítulo é refletir sobre a temática *pesquisa* e *formação profissional em lazer* focalizando, sobretudo, dois aspectos principais: a importância da problematização e da fundamentação teórico-metodológica neste processo. Com este intuito, no primeiro momento são tecidas considerações sobre os significados da pesquisa em nosso contexto, destacando-se a sua contribuição para o processo formativo. Em seguida, discute-se o problema de pesquisa como uma construção intelectual, salientando sua relevância para despertar uma atitude mais curiosa, indagadora e crítica por parte do profissional do lazer, aqui entendido como um sujeito pesquisador.

No terceiro momento do texto a discussão é direcionada para a necessidade de buscar uma fundamentação teórico-metodológica consistente e coerente, base para uma formação/atuação profissional mais crítica e criativa. Ao final do capítulo, são feitas algumas observações considerando o desafio de qualificar o processo de formação dos profissionais do lazer por meio da pesquisa científica, tendo em vista ampliar as possibilidades de envolvimento com a construção do conhecimento.

## *Palavras iniciais: Formação e pesquisa*

Notadamente nos últimos anos, as transformações que marcam a sociedade contemporânea estão propiciando uma nova cultura e modificando as estratégias de produção e apropriação dos saberes. Mesmo que a formação e o conhecimento estejam entrelaçados, há múltiplas maneiras de compreender os seus significados e de colocá-los em ação.

Os empreendimentos tradicionais de formação, por exemplo, baseiam-se em um ordenamento linear, seqüencial, mensurável e previsível. Ainda que reconheçam a transitoriedade do conhecimento, geralmente reforçam apreensões estáticas do saber, correndo o risco de sucumbir ao que Bourdieu (1998) denomina de "senso comum científico".[2] Do meu ponto de vista, propostas dessa natureza deixam de fazer sentido porque, entre outros pontos, limitam o potencial crítico, criativo, autônomo e responsável dos profissionais do lazer, impedindo-os de assumirem o papel de protagonistas do ato de conhecer, ou seja, de tornarem-se sujeitos pesquisadores.

Sobre essa questão, tem-se uma primeira indagação: o que significa "pesquisa"? Vasculhando minhas memórias, lembro-me das várias "pesquisas" que realizei em minha trajetória escolar. Essa tarefa consistia, basicamente, na transcrição de parte(s) de um texto enciclopédico sobre determinado assunto e, muitas vezes, a fonte de onde a informação havia sido extraída sequer era mencionada. Essa situação, lamentavelmente, perpetua-se nos dias de hoje: por mais dedicados que sejam, muitos professores e estudantes evidenciam uma visão restrita de pesquisa quando simplesmente reproduzem conhecimentos destituídos de análise crítica ou reflexão. Obviamente

---

[1] Licenciada e Mestre em Educação Física, Especialista em lazer e Doutora em Educação pela UFMG. Docente e coordenadora do Mestrado Interdisciplinar em Lazer da UFMG. Pesquisadora da FAPEMIG. E-mail: chrislucegomes@gmail.com

[2] Esta expressão de Pierre Bourdieu (1998) faz referência à reprodução de conhecimentos que pode ocorrer até mesmo no interior do campo científico, fazendo com que este se assemelhe ao senso comum. Para o autor, o campo científico deve ser pautado na reflexão crítica, na análise sistematizada e no exame criterioso dos diversos elementos que compõem uma teoria.

essa é uma questão complexa, não pode ser generalizada e merece discussões e aprofundamentos, mas, indica que a noção de pesquisa necessita ser ampliada e ressignificada em nosso contexto.

Mesmo que a exclusão digital marque a sociedade atual, se por um lado o acesso à internet como recurso de pesquisa pode representar novas e interessantes possibilidades para enriquecer o processo de conhecimento, por outro lado também pode restringir ainda mais os significados da pesquisa. Observo, com preocupação, estudantes de diferentes classes sociais e de distintos níveis de formação entenderem que "pesquisar" é simplesmente "copiar e colar" informações disponibilizadas no mundo virtual sem ao menos tomar conhecimento do tema "pesquisado". Ademais, o universo virtual disponibiliza uma quantidade ilimitada de informações, demandando um cuidadoso trabalho de percepção crítica sobre aquilo que é veiculado neste ambiente.

Assim concebida, a pesquisa representa uma tarefa banal, mecânica e sem sentido: é apenas cópia, reprodução a-crítica de conhecimento. Não abre espaço para a reflexão, para o pensar crítico, para o questionamento, para a autonomia responsável, sensível e criativa, comprometendo significativamente a formação dos sujeitos.

Paradoxalmente, há outras visões de pesquisa vigentes em nosso contexto. Algumas pessoas consideram que a pesquisa é algo sacralizado, uma tarefa de grandes intelectuais ou atribuição de gênios consagrados no campo científico, como observa Demo (2003). Ou seja, algo que estaria muito distante das pessoas "comuns".

Ao tratar da pesquisa como princípio científico e educativo, Demo (2003) desenvolveu algumas idéias interessantes sobre o tema. Sua obra, publicada originalmente no início da década de 1990, já alcançou várias edições e, mesmo que algumas de suas considerações possam ser questionadas e repensadas, compartilho com a opinião do autor no que se refere à urgência de desmistificar o conceito de pesquisa. Para isso, é imprescindível que a teoria/prática da pesquisa ultrapasse a sofisticação acadêmica e deixe de ser considerada como exclusividade de cientistas qualificados, passando a ser utilizada como um valioso recurso, capaz de qualificar a formação e também a atuação dos profissionais de lazer.[3] Afinal, para cumprirmos bem nossas responsabilidades profissionais não podemos abandonar a prática cotidiana do estudo e da pesquisa.

A pesquisa, como observou Lüdke (1997), atualmente já é reconhecida como uma importante aliada na formação acadêmica e profissional. Para a autora, é recomendável que os profissionais em formação tenham oportunidades de contato com pesquisadores e com pesquisas para que não sejam "meros repetidores de um saber acumulado e cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabora e reelabora a cada momento, em toda a parte." (p.115)

Em outras palavras, a pesquisa representa uma mola propulsora do processo de produção do conhecimento, daí a sua importância para a temática central deste livro, que é a formação profissional em lazer. A pesquisa confere dinamismo a este processo, revelando que ainda há muito que investigar, ainda há muito que sistematizar – e, para isso, inúmeras são as possibilidades e grandes são os desafios encontrados no caminho.

Este texto não pretende fazer uma compilação dos vários tipos de investigações existentes, pois, são inúmeros os livros de metodologia científica já publicados, compreendendo tanto aqueles que tratam de complexas questões filosófico-epistemológicas, assim como os manuais encaregados de facilitar a tarefa de elaboração de um projeto ou de uma pequisa propriamente dita. A literatura sobre o tema é vasta e, a despeito de livros e autores consagrados no assunto – o que varia sobremaneira dependendo da matriz epistemológica adotada – pode-se dizer que a maioria das obras que tratam de pesquisa científica ou mesmo de metodologia não traz muitas novidades. Lemos um livro e, ao explorar outros, constatamos que os temas abordados são praticamente os mesmos, assim como são semelhantes as formas de tratá-los, salvo raras exceções.

---

[3] Compreendo o lazer como uma dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou pelo grupo social. Neste âmbito, o lazer não é visto como um fenômeno isolado, mas como uma esfera dialeticamente articulada às demais dimensões da nossa vida social, tais como a educação, a cultura, a economia, a política e a família, entre outras (GOMES, 2004).

Em face dessa realidade, este texto pretende trazer uma contribuição muito pontual para o assunto, abordando a princípio dois aspectos que considero essenciais para enriquecer a discussão sobre pesquisa e formação profissional em lazer: a problematização e a fundamentação teórico-metodológica, conforme será tratado nos tópicos a seguir.

*A pesquisa como desafio e o problema como uma construção intelectual*

É necessário esclarecer que a pesquisa, enquanto desafio intelectual, não é um jogo quebra-cabeças porque este possui um resultado único e previamente definido. Tampouco deveria ser encarada como um labirinto, pois, supõe-se que este também tem uma saída estabelecida *a priori*. Prefiro tratar da pesquisa seguindo a idéia de *bricolage*, que, para Certeau (1995), representa um trabalho minucioso, cotidiano, uma fonte ilimitada de enriquecimento para aqueles que não se contentam com o simples domínio de conteúdos, uma vez que se busca despertar a criatividade no processo e também no produto construído. Segundo o autor, o que se torna crucial na *bricolage* é o ato cultural próprio à "colagem", a invenção de formas e de combinações, assim como os procedimentos que permitem uma multiplicidade de composições.

Seguindo essa linha de pensamento, a pesquisa é aqui compreendida como aventura do conhecer, como um desafio movido pela curiosidade e pela inquietação intelectual. Assim entendida, a pesquisa coloca em evidência a necessidade de sairmos do conforto propiciado por aquilo que já sabemos (ou pensamos que sabemos) para trilharmos uma seara desconhecida. Tal empreendimento gera conflitos e desequilíbrios que, a princípio, revelam-se angustiantes: configuramos, assim, o ponto de partida e elemento fundante da pesquisa: o problema.

O senso comum baseia-se no conhecimento imediato, mas, um processo formativo comprometido com a pesquisa assume o problema como uma referência primordial. A seguinte citação de Machado de Assis, contida no início de sua obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* pode nos ajudar a compreender melhor este aspecto:

> "Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma idéia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um x: decifra-me ou devoro-te." (ASSIS, 1994, p.8)

Na metáfora acima percebemos o incômodo causado pela inquietação intelectual de Brás Cubas, curiosa personagem de um dos livros mais interessantes de Machado de Assis que tornou-se um clássico da literatura internacional. Uma simples idéia de Brás Cubas transforma-se, assim, em um problema. Mas, será que todo "problema" significa um problema de pesquisa?

Teixeira (2003) esclarece que não, mostrando-nos que existem problemas da prática cotidiana e esses são distintos dos problemas de pesquisa. Para a autora, o problema da prática refere-se, em geral, às dificuldades, aos desconfortos e/ou complicações presentes em nosso dia-a-dia, nos lugares, situações e contextos em que nos encontramos. Em geral, são os fatos que nos incomodam, os empecilhos, os desafios que temos a enfrentar e uma infinidade de coisas difíceis que aparecem em nosso trabalho, questões que precisas ser resolvidas, superadas ou solucionadas.

Mesmo que um problema da prática seja, freqüentemente, a origem do problema de pesquisa, eles são diferentes, basicamente porque enquanto aquele é identificado, sentido e representado, o segundo *é uma formulação intelectual* do pesquisador. Por este motivo, Bachelard (1996) destaca que os profissionais em formação precisam aprender a construir problemas, pois, eles não se formulam de modo espontâneo. Para o autor, todo conhecimento é resposta a uma

pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento sistematizado. Creio ser imprescindível, portanto, que os sujeitos pesquisadores assumam uma postura mais curiosa e indagadora no decurso de seu processo de formação/atuação profissional no campo do lazer.

De acordo com Laville e Dionne (1999), a construção adequada de um problema de pesquisa supõe a formulação de boas perguntas, de indagações significativas e relevantes para a análise e a compreensão dos fatos e fenômenos que se deseja estudar. Algumas reflexões podem auxiliar o profissional a construir um problema de pesquisa, o que requer identificar a origem de uma dada situação ou problema, suas possíveis causas e/ou dificuldades, sujeitos envolvidos e de que maneira, relações com outros fatos ou circunstâncias, processos que os produzem, aspectos, dimensões e fatores que interferem na pesquisa, entre outras questões significativas.

Como ressaltam Gomes e Amaral (2005), um problema bem definido e bem construído é um pré-requisito para uma boa pesquisa, pois, um problema mal delimitado pode dificultar e prejudicar a qualidade de uma investigação. Construir um problema de pesquisa é tarefa do sujeito pesquisador. Nessa perspectiva, boas perguntas começam a formar o esboço do problema de pesquisa, que pode conter uma única questão analítica ou um conjunto de questões, de aspectos, dimensões ou facetas do problema da prática ou da situação considerada.

Pelo exposto, fica claro que sem problema não há pesquisa, e ele assemelha-se à idéia pendurada no trapézio "instalado no cérebro" de Brás Cubas. O problema de pesquisa é algo que inquieta tão profundamente o sujeito pesquisador que, como diz a metáfora contida na citação anterior, se não for decifrado irá consumi-lo e devorá-lo integralmente.

Teixeira (2003) complementa essa idéia ao afirmar que o problema de pesquisa é uma questão analítica: procura, dessa maneira, estabelecer relações entre fatos, analisar os processos que constituem os fenômenos, tendo em vista compreender e sistematizar as suas configurações, suas determinações, processualidades, seus significados e/ou as formas como se desenvolvem.

Uma problematização de pesquisa pode, assim, ser compreendida como uma situação construída com base em elementos teóricos ou da vida cotidiana que, após explorar os conhecimentos construídos sobre o assunto, ainda apresenta lacunas que merecem ser investigadas, estudadas, analisadas e aprofundadas. Tal situação gera dúvidas e questionamentos, incomoda, instiga e desafia os profissionais em formação a refletir, a buscar respostas e a sistematizá-las metódica, crítica e criativamente no decurso da pesquisa – atitudes que considero fundamentais para tornar o seu processo formativo mais consistente.

Além disso, um problema de pesquisa localiza-se em um campo temático, isto é, encontra-se dentro de um assunto mais amplo. A pesquisa não estuda temas, mas sim problemas específicos, que devem ser devidamente delimitados. Um mesmo tema pode gerar vários problemas de pesquisa, cada um deles devendo ser estudado em uma determinada investigação. Contudo, para que esta seja bem desenvolvida, é necessário contar com fundamentos teórico-metodológicos consistentes e coerentes com o problema de pesquisa proposto.

*Fundamentação teórico-metodológica: princípio básico da pesquisa e do processo formativo*

A teoria é uma condição *sine qua non* para a pesquisa, é a base na qual uma investigação se fundamenta. De acordo com as palavras de Denker (2003, p.69),

> "não existe pesquisa sem teoria. A teoria é a base sobre a qual desenvolvemos o modelo de explicação que testamos com a pesquisa. É a partir da teoria que definimos nosso objeto, formulamos nossas hipóteses e escolhemos os modelos e métodos apropriados de análise."

Segundo Minayo (1996, p.91-92), teoria é "um conjunto inter-relacionado de princípios e definições que servem para dar organização lógica a aspectos selecionados da realidade (...)". Para a autora, a essência de uma teoria consiste na sua potencialidade de explicar uma gama de fenômenos através de um esquema conceitual que seja, simultaneamente, sintético e abrangente.

Toda pesquisa científica precisa ser fundamentada por um conjunto sistemático de conceitos que formem a teoria geral dos fenômenos estudados, que guiem o seu andamento, a ampliem com novas investigações e permitam ao sujeito investigador prever fatos novos a partir dos já conhecidos. As teorias têm seus conceitos, mas, um mesmo conceito pode relacionar-se a mais de uma teoria. Além disso, teorias e conceitos não são válidos eternamente, pois são produções que dialogam com uma determinada realidade e esta está em contínua transformação. O importante é que os sujeitos pesquisadores – neste caso, os profissionais do lazer em formação – mantenham a coerência e a consistência teórica dos conceitos e pressupostos desenvolvidos no estudo.

Minayo (1996) observa que os conceitos são as vigas mestras de uma construção teórica, isto é, são as unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria. Podemos considerá-los como operações mentais que refletem certo ponto de vista a respeito da realidade, pois, focalizam determinados aspectos dos fenômenos estudados. O referencial teórico representa, pois, um pré-requisito para qualquer tipo de pesquisa, servindo de base para uma futura explanação a respeito do tema proposto.

Sem uma adequada fundamentação teórica não será possível realizar um trabalho consistente, uma vez que o sujeito pesquisador terá muitas dificuldades para organizar um texto coeso e com argumentação sólida. Portanto, é essencial que os profissionais do lazer lancem mão de teorias e conceitos para entender e analisar em profundidade o problema de pesquisa que pretendem investigar ao longo de seu processo de formação, que é sempre inacabado.

Toda pesquisa deverá conter, deste modo, uma base teórico-conceitual para dar sustentabilidade ao estudo. Caso contrário, ficará limitada aos conhecimentos da experiência, do senso comum ou de pré-noções que não dispõem de rigor e profundidade exigida de um conhecimento científico. Em contrapartida, vale lembrar que toda pesquisa busca discutir, confirmar, ampliar ou refutar, total ou parcialmente, as teorias e os conceitos que constituem o seu referencial (Gomes, Amaral, 2005).

No instigante exercício de fundamentação de uma pesquisa, busca-se adquirir conhecimentos a partir de uma imersão na literatura existente sobre a temática escolhida. Para situar a pesquisa no contexto geral do conhecimento é imprescindível que os profissionais do lazer procurem outros estudos similares sobre o tema investigado, tendo em vista apreender conceitos, argumentos, refutações, explicações e modelos teóricos. Como destaca Denker (2003) essa revisão, também denominada de pesquisa bibliográfica, deve ser sintética e crítica, no sentido de identificar lacunas nos estudos anteriores, bem como os conceitos e teorias considerados "clássicos" no campo pesquisado.

Um pesquisador, segundo Bunge (citado por Gomes e Amaral, 2005, p.8-9), é um profissional que reflete sobre sua prática e produz novos conhecimentos, mas, para isso, precisa seguir alguns passos: "Comece abordando um assunto bem circunscrito (...) com o objetivo final de ampliá-lo ou de abordar eventualmente problemas inéditos. Comece averiguando o que pensa um grande teórico X sobre o problema Y e trate de pensar com sua própria cabeça sobre o problema Y."

Como visto no tópico anterior, a investigação científica é uma atividade que busca, em princípio, colocar em dúvida, criticar e analisar teorias e as maneiras de pensar preconizadas pela maioria. Ela pode também ser uma possibilidade para que o sujeito pesquisador conteste – com responsabilidade crítica e autonomia e criativa – um conjunto de "verdades" até então consideradas incontestáveis. Ao duvidar, nos é permitido transgredir por meio da busca de estratégias inovadoras, produzindo saberes que fogem aos padrões costumeiros.

Habermas (1987) esclarece que somente pode ser científico o que for discutível, o que implica ir além de meras reproduções do conhecimento já acumulado e construído. Ao ampliarmos

nosso conhecimento sobre um determinado assunto passamos a duvidar mais, a questionar, a criticar e a rever princípios, conceitos e teorias já cristalizados, o que aumenta a nossa responsabilidade perante a sociedade em que vivemos.

Porém, para divergir é necessário, primeiramente, deter conhecimento profundo sobre o ponto questionado. Vale lembrar que uma resposta divergente, por mais consistente e aprimorada que seja não encerra a discussão, apenas a recoloca, acrescentando novos elementos ao debate (Gomes e Amaral, 2005).

Demo (1994) também destaca que é impossível fazer ciência sem duvidar e estabelecer polêmica e, mesmo com as controvérsias que a rondam, existem acordos que, tradicionalmente, permanecem, tais como alguns pressupostos da pesquisa científica: o questionamento, a sistematização, a lógica, a argumentação, a análise e o rigor. Sem esses elementos, uma pesquisa se torna frágil e contestável.

Em síntese, o avanço e a capacidade de inovação não advêm da repetição e sim da discussão, o que demanda dos sujeitos pesquisadores uma sólida base teórica. Todavia, não basta que o conhecimento construído no decorrer do processo seja crítico, ele também precisa ser criativo – preenchendo lacunas, descortinando novas possibilidades, indicando outros aportes e interpretações num infindável processo de busca e pesquisa, de construção e reconstrução. Estes são importantes elementos para que o pesquisador ordene a realidade e articule cuidadosamente os fatos e as relações, o que ressalta o valor de uma adequada fundamentação: não apenas teórica, mas também metodológica.

Essas questões ressaltam, por sua vez, a importância dos processos formativos prepararem os profissionais do lazer para que dediquem especial atenção às possibilidades teórico-metodológicas que podem ser construídas ao longo da pesquisa. Afinal, uma investigação situa-se em um campo complexo, marcado por desafios entre o observado e o registro, entre as situações vividas pelo indivíduo e as vividas coletivamente, entre a narração do depoente e a interpretação do pesquisador, entre a objetividade e a subjetividade que perpassam o estudo.

Diferentes tipos de problema requerem diferentes modalidades de pesquisa, que, por sua vez, exigem distintos encaminhamentos teórico-metodológicos. É também necessário ter claro e saber justificar por que serão usados esses ou aqueles procedimentos e que tipo de informação as estratégias escolhidas poderão gerar. Gomes e Amaral (2005) assinalam que os procedimentos metodológicos da pesquisa não representam um "pacote" pronto e acabado, podendo ser criados, recriados e combinados pelo sujeito pesquisador. Criatividade e experiência são tão necessárias em uma pesquisa quanto a teoria e as técnicas de coleta/análise de dados.

Para abordar os tipos de pesquisa, existem vários parâmetros para classificá-las. Denker (2003) explica que a tipologia da pesquisa pode ser subdivida de acordo com os campos de atividade humana ou setores do conhecimento, segundo a utilização dos resultados, a natureza ou procedência dos dados, a extensão dos campos de estudo, os métodos de análise e o nível de interpretação, entre várias outras possibilidades que podem ser encontradas em livros de metodologia científica, ou então serem criteriosamente elaboradas pelo sujeito pesquisador.

Considerando a relevância de zelar por uma fundamentação teórico-metodológica consiste e coerente é necessário, também, que o profissional do lazer observe certos princípios éticos em sua prática de pesquisa, sobretudo quando esta envolve a participação de pessoas voluntárias. O sujeito pesquisador deve explicitar ao grupo investigado os propósitos básicos da pesquisa, as atividades que pretende realizar, bem como as tarefas ou os riscos decorrentes da participação no estudo. Segundo Gomes e Amaral (2005), o pesquisador deve proteger tanto quanto possível os sujeitos pesquisados, particularmente os participantes considerados vulneráveis, contra os riscos psicológicos ou sociais, o embaraço ou a possibilidade de sanções. É também prudente proteger rigorosamente as informações, especialmente nos casos em que o anonimato será preservado.

Finalmente, esses e outros elementos teórico-metodológicos são necessários para que o sujeito pesquisador desenvolva uma pesquisa com qualidade, o que certamente contribuirá para

enriquecer a sua formação e para gerar resultados interessantes, inovadores e capazes de contribuir com o avanço do conhecimento sobre o lazer.

### *Considerações finais: importância da pesquisa para a formação profissional em lazer*

Além de demandar uma problematização clara, delimitada, bem definida e fundamentada do ponto de vista teórico-metodológico, uma pesquisa científica de qualidade requer análises criteriosas, críticas e consistentes para que sejam produzidos resultados interessantes e inovadores. Esta questão é fundamental para se qualificar a formação profissional, pois, é neste momento que se constata, mais nitidamente, a produção de conhecimento novo e capaz de contribuir com o avanço de conhecimentos sobre um determinado campo de estudos, vivências e intervenções tão complexo e desafiador como o lazer.

A tarefa analítica, ou seja, a tarefa de interpretar e de tornar compreensíveis os dados coletados para produzir novos saberes parece ser inatingível quando alguém se envolve, pela primeira vez, em um projeto de pesquisa. Para que o pesquisador não se perca no momento de reunir o material coletado e saiba como tomar decisões adequadas neste momento, Gomes e Amaral (2005) sugerem começar a análise logo após a obtenção das informações, seja por meio de uma pesquisa bibliográfica ou documental, de observações desenvolvidas em uma pesquisa de campo, de entrevistas realizadas ou de questionários aplicados, por exemplo. A partir dessas inúmeras possibilidades que, juntas ou combinadas, pode-se articular conhecimentos, fundamentos e "garimpar" as principais idéias decorrentes da pesquisa empreendida.

A análise de dados é, portanto, o processo de busca e de organização sistemática das informações que foram sendo acumuladas com o objetivo de aumentar a compreensão sobre esses mesmos dados, permitindo apresentar os resultados que o pesquisador encontrou, bem como as conclusões a que chegou. Para tanto, é necessário analisar comparativamente as diferentes respostas, as idéias novas que aparecem, o que confirma e o que rejeita as hipóteses iniciais, o que estes dados levam a pensar de maneira mais ampla. Esta fase exige um tempo precioso para a reflexão, para a triangulação das informações e para o cruzamento de fontes, identificação de similaridades e diferenças, fundamentação dos dados e articulação dos resultados com as teorias e conceitos utilizados na pesquisa. Quando os resultados da pesquisa são previsíveis desde o inicio, indicam que a realização do estudo foi desnecessária e assim não há contribuições efetivas para o campo estudado.

Para que as conclusões de uma pesquisa não sejam banais, é importante cogitar para além dos dados obtidos e analisados, retomando o trabalho de reflexão sistemática e fundamentada e confrontando-o com os resultados encontrados. As conclusões também precisam retomar o problema inicialmente formulado e tentar responder as questões norteadoras do estudo para que o ciclo da pesquisa se complete. Assim, é necessário explicitar informações sobre a forma de planejamento e execução da pesquisa, análise e interpretação dos dados e principais conclusões e recomendações, evidenciando ainda as lacunas que ficaram em aberto e que podem significar possibilidades interessantes para novos estudos.

Por essas razões, a pesquisa significa uma importante possibilidade para enriquecer, fundamentar e qualificar a formação de profissionais do lazer. O processo de pesquisa contribui para aprofundar o nível de conhecimento e para instigar a autonomia intelectual do sujeito pesquisador. Colabora para que este garanta o rigor teórico-metodológico imprescindível para a pesquisa científica e desenvolva a habilidade de articular os diferentes elementos que compõem a investigação realizada. A pesquisa possibilita, também, zelar pela coerência no trato das informações, estimulando a criatividade e a criticidade do pesquisador na análise dos resultados.

Todos esses elementos são imprescindíveis para um processo de formação consistente, com impactos futuros na própria atuação profissional, uma vez que o sujeito pode tornar-se mais indagador, comprometido com a busca do conhecimento sistematizado e com o delineamento de caminhos para alcançar as metas propostas, tendo em vista contribuir com o avanço do saber no

contexto do campo investigado. Essas possibilidades auxiliam a formação de recursos humanos bem preparados, competentes em seus ramos e comprometidos com a aventura intelectual do mergulho no conhecimento. Aventura responsável e crítica, que requer ousadia por parte quem pesquisa para que os saberes inovadores realmente sejam possíveis.

Neste âmbito, a formação é um caminho que precisa ser trilhado com curiosidade e desejo de saber, permitindo o aflorar do desejo do outro, para que juntos (re)construam o conhecimento. Formar é fecundar idéias e pensamentos, criar dúvidas que nos retirem de posições acomodadas, mobilizando o outro de alguma maneira. Em virtude desse aspecto, é necessário buscar propostas formativas pautadas na organização em rede, com abordagem pluralista, dinâmica, diversificada, inovadora, flexível e processual. Propostas que sejam abertas a novas perspectivas e que valorizem o potencial cognitivo, cultural, social e afetivo dos sujeitos (Gomes, 2008). Assim, a formação pode representar uma possibilidade concreta para que os profissionais do lazer se comprometam com a construção do saber.

Finalizando, a riqueza e beleza dessas possibilidades se fazem no processo, pois são construções do pesquisador. A aventura do conhecimento é, pois, um desafio intelectual que demanda pensar criticamente, conhecer com consistência teórica, sensibilidade social e ética – elementos que evidenciam a importância da pesquisa para a formação do profissional do lazer.

**Referências**


ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 28.ed. São Paulo: Scipione, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A formação do novo espírito científico:* contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto,1996.

BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

DEMO, Pedro. *Pesquisa*: princípio científico e educativo. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DENKER, Ada F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 2003.

GOMES, Christianne Luce. *Lazer, trabalho e educação*: Relações históricas, questões contemporâneas. 2.ed. rev. atu. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne; AMARAL, Maria Teresa M. *Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer*. Brasília: SESI/DN, 2005.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesse.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LAVILLE; Christian, DIONNE, Jean. *A construção do saber*: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARCONI, Marina A LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa:* Planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília S. et al. (Org). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Maria Inês C. "Unidade 4 – A monografia e a redação de trabalhos acadêmico-científicos" da Coleção Veredas (Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais) – Formação Superior de Professores, Módulo 2 – Volume 4 – Belo Horizonte – 2002. p. 78-200.

VAN DER MAREN, Jean-Marie. *Méthodes de recherche pour l'éducation*. 2° édition, Montréal:Les Presses de l'Université de Montréal; Bruxelles: De Boeck-Wesmael S.A. 1996.